



Fúlvia Gonçalves:

89 anos de arte e lucidez

Por **Ana Carolina Martins**

Antes de aprender que uma obra de arte pode ocupar uma galeria, museu ou parede de uma sala, Fúlvia Gonçalves descobriu que qualquer superfície podia ser lugar para desenhar. Aos quatro anos, rabiscava a calçada, a parede e até mesmo o fogão.

O traço parecia nascer antes mesmo da consciência de que aquilo poderia um dia se transformar em profissão, pesquisa, ensino, revelando uma das trajetórias mais importantes das artes visuais de Campinas. “Precisava ter cuidado comigo, porque eu ia rabiscando tudo”, contou a artista certa mais tarde para o Jornal da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Talvez seja justamente essa menina que ainda esteja presente na mulher que, aos 89 anos, continua trabalhando no próprio ateliê.

Nascida em Pedreira, em 1937, Fúlvia passou parte da infância em Poços de Calda, estudando depois na Escola de Artes Plásticas de Ribeirão Preto. Ali, encontrou mestres que ajudariam a ampliar o seu olhar. Entre eles, Leonello Berti, Bassano Vaccarini e Francisco Amêndola.

Porém, foi em Ribeirão Preto que a artista começou a construir a sua carreira. Participou de experiências com cinema de animação e chegou a trabalhar na pintura do filme “Vôo Cósmico”, de Vaccarini. Logo vieram as galerias, museus, salões e exposições no Brasil e no exterior. Em meados dos anos 1970, recebeu um convite que mudaria novamente o

Artista plástica continua criando e mantendo vivo um diálogo de décadas com Campinas



rumo da sua história: “Artista, você quer expor na Itália?”. A resposta foi simples e imediata: “Quero!”. A Itália viria a fazer parte de sua trajetória, mas Campinas é que se tornaria a sua casa artística.

DEDICAÇÃO COM A UNICAMP

Fúlvia chegou à cidade em 1976 para trabalhar com ensino e pesquisa na Unicamp. Não veio apenas para ocupar uma sala de aula. Ela participou da construção de uma área que ainda dava os seus primeiros passos na universidade.

Ao lado de outros artistas e professores, ajudou na criação de cursos de extensão, na estruturação do Instituto

de Artes e na implantação do Departamento de Artes Plásticas.

Os murais do Hospital da Mulher Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti, o Caism, são obras dela. A arte de Fúlvia foi incorporada à arquitetura de um hospital que, desde a sua origem, buscava também humanizar o ambiente de atendimento. Em 2024, a artista doou ao Caism 26 obras das coleções “Terra e Semente” e “Humanidades”.

ÁGUA E HUMANIDADE

Fúlvia transitou por diferentes técnicas e fases, sempre buscando novas possibilidades. “Eu gosto de variações e continuamente procuro texturas novas, um papel diferente, a colagem,

a inserção de um objeto incomum”, afirmou em entrevista ao Jornal da Unicamp.

Um dos trabalhos mais conhecidos de sua trajetória é o mural “Balé das Águas”, criado para a Estação de Tratamento de Água 3 (ETA) da Sanasa, na década de 1970. O painel, com cerca de 10 metros de comprimento, transformou o processo de tratamento da água em uma espécie de coreografia visual. Décadas depois, a própria artista retomou aquela criação e produziu novos trabalhos a partir dela.

O LOUVRE E O ATELIÊ

A trajetória internacional de Fúlvia renderia, sozinha, uma reportagem. Ela expôs na Itália, na França, na Espanha, na Suíça, nos Estados Unidos, entre outros locais. Uma de suas obras, “Tríptico – Monalisa em Conserva”, foi adquirida em 1989 por Michel Laclotte, ligado ao Museu do Louvre, em Paris.

Depois de tantos lugares, Fúlvia voltou para mais íntimo de todos: o seu ateliê em Campinas.

ARTISTA EM MOVIMENTO

Em 2025, com 88 anos, Fúlvia apresentou 16 obras na Casa do Lago, na Unicamp, e lançou o livro “O Código de Fúlvia”, que reúne textos críticos de Jorge Coli, Pedro Gismondi e Joaquim Fontes Jr. Na ocasião, falou sobre a felicidade diante dos convites para expor e do lançamento do livro como manifestação de reconhecimento da cidade que a acolheu.

Talvez porque, para algumas pessoas, a arte não seja exatamente uma profissão, mas uma maneira de existir.